

ENXUGANDO O RASTRO DE SANGUE.

Escrito por Eric Ayala, publicado no site [covenantlegacy.com](http://www.covenantlegacy.com) em 10 de dezembro de 2013.

http://www.covenantlegacy.com/mopping-up-the-trail-of-blood-part-1/#_ftn2

(Parte 1)

Para aqueles que, como eu, cresceram em uma igreja batista independente e fundamental, você pode estar familiarizado com um pequeno livro de J. M. Carroll intitulado “O Rasto de Sangue: Seguindo os Cristãos ao Longo dos Séculos ou, A História das Igrejas Batistas desde o tempo de Cristo, seu fundador, até o presente dia”. Enquanto isso seja muito a repetir, este livro publicado em 1931 é comumente chamado apenas de “O Rasto de Sangue”.

A principal tese deste livreto é que os Batistas não são protestantes, nunca foram parte da Igreja Católica Romana e podem traçar sua linha denominacional contínua até João Batista (o que Carroll, em mais de uma ocasião, sugere que pode ser nome denominacional apropriado dado a João pelo próprio Cristo). Este artigo examinará as alegações do livro e mostrarão que não têm qualquer garantia histórica.

O secessionismo batista, ou perpetuidade, não começou com James Milton Carroll, pois muitos historiadores batistas tinham uma visão semelhante antes dele; no entanto, ele foi um dos primeiros a reunir uma estranha miscelânea de grupos antigos e medievais para provar seu ponto de vista. Seu livro ajudou a difundir mais do que a mera afirmação de que havia a prática batista através dos tempos, mas também o que é chamado de “landmarkismo”, que afirma que a única igreja verdadeira é a igreja batista, excluindo todos os outros que simplesmente se separaram de Roma. Se isso soa estranho para você, fica mais estranho, pois há alguns que também acreditam em uma doutrina da “Noiva Batista”, que afirma que somente os Batistas são realmente parte da Noiva de Cristo. Esta foi uma reação radical contra o liberalismo, mas cuja justificação era factualmente absurda.

Então, como o “O Rasto de Sangue” faz especificamente uma reivindicação de sucessão? Através do revisionismo histórico massivo, claro e simples. O livro em si não é muito longo e não inclui muitas referências para apoiar as afirmações feitas. De fato, para algumas declarações no livro eu tive que fazer minha própria pesquisa apenas para saber ao que ele estava se referindo. Se esta obra [“O Rasto de Sangue”] fosse apenas um trabalho casual, como digamos ... um post no blog, então isso não seria um grande problema. Mas não é usado dessa maneira; pelo contrário, é usado por muitos como se fosse uma fonte definitiva sobre o tema e uma peça confiável de historiografia. Na verdade, há muitas alegações no livro, mas pouco para apoiá-las. Para qualquer verificação, a obra exige tiros cegos com pouco mais que reivindicações genéricas sobre o que podem ou não ser eras gerais e verdadeiras da história.

Estranhamente, os anacronismos de Carroll não se limitam aos batistas, sobre os quais ele surpreendentemente fala muito pouco, mas também vários grupos religiosos, especialmente à Igreja Católica Romana. Ainda que ele aponte alguma melhora para a teologia católica romana, ele chega à conclusão precipitada de que uma vez que a mera sugestão de um conceito está presente na história, então uma completa aberração a níveis de Concílio de Trento está presente. De fato, ele dá à igreja romana crédito demais e muito terreno histórico. Por exemplo, sobre o Concílio de Calcedônia (451 d.C.) ele escreve:

“Durante este Concílio, a doutrina agora conhecida como Mariolatria foi promulgada. Isso significa a adoração de Maria, a mãe de Cristo. Essa nova doutrina inicialmente criou uma grande agitação, muitos se opondo seriamente. Mas finalmente prevaleceu como uma doutrina permanente da Igreja Católica”. [1]

Agora, eu suponho que ele esteja se referindo ao uso do termo *Theotokos* e à rejeição dele pelos hereges nestorianos (que ele parece colocar estranhamente como os mocinhos neste seu argumento). E a razão que eu tenho para presumir isso é porque este é o único parágrafo em todo o livro que fala sobre o Concílio de Calcedônia. Ao ler uma declaração tão curta, você presumiria que era para isso que o Concílio foi convocado e tudo o que tratou. O fato é que a heresia nestoriana era uma negação da divindade de Cristo, assim eles desejavam rejeitar a ideia de que Maria tinha Deus em seu ventre. Calcedônia, como atesta a famosa Confissão desse conselho, foi um esclarecimento sobre as duas naturezas de Cristo, não sobre o estabelecimento de dogmas marianos.

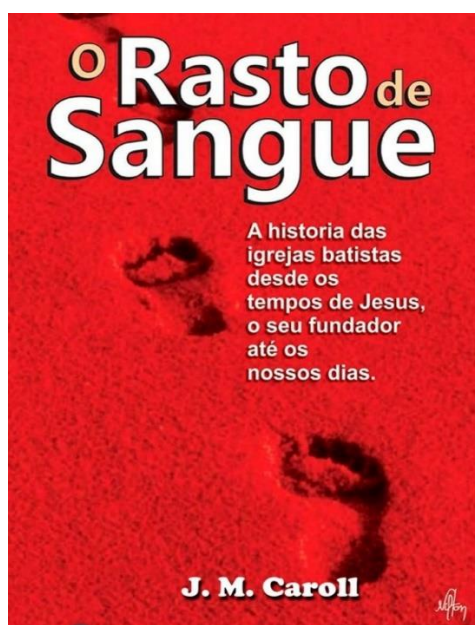
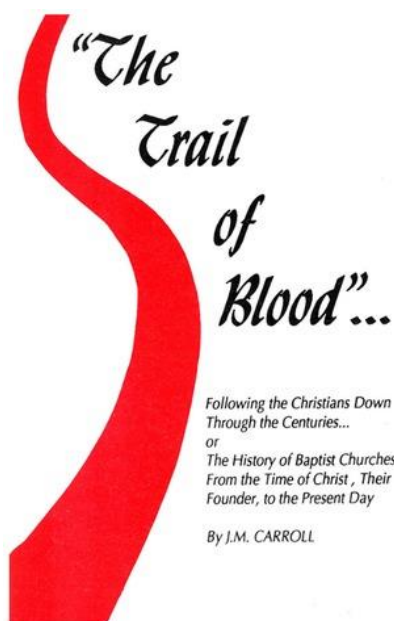
De fato, tais aberrações como vemos hoje vieram muito mais tarde: a Imaculada Conceição (1476 do Papa Sisto IV), Co-Redentriz (1918), Mediatrix (1883) e as orações do Rosário Mariano (século XVI). Admito que essas datas não são exatas e a maior parte da teologia romana existia na religião popular entre as pessoas muito antes de ser oficialmente pronunciada. Meu ponto é que Carroll lê todos esses conceitos muito mais adiante na história, do que haja qualquer garantia de terem existido. A Igreja Católica Romana que conhecemos agora simplesmente não existia naquela época. Este é apenas um exemplo, mas os anacronismos são abundantes em vários lugares.

Se o exemplo acima não for suficiente para provar o anacronismo, deixe-me oferecer mais um. Como marca de uma verdadeira igreja batista, que existia desde o Novo Testamento, Carroll afirma: “E seu governo é congregacional, democrático. Um governo do povo, pelo povo e para o povo.”[2] Que surpresa é descobrir que a verdadeira igreja através dos séculos estava usando um slogan que não existia até o discurso de Gettysburg, dado por Abraham Lincoln em 1863. Talvez isso tenha sido um discurso político inspirado e deveria fazer parte do Cânon. Enquanto o congregacionalismo pode até ser debatido, dizer que o governo da Igreja é corretamente descrito como um governo de, pelo e para o povo, é ridículo. E embora possa ser verdade que muitas igrejas sejam ordenadas dessa maneira na América, prefiro muito mais um governo de, por e para Cristo. Para ler esse sentimento retrocedendo na história é apenas tolice.

Curiosamente, em seu livro sobre a história batista, J. M. Carroll passa muito pouco tempo realmente falando sobre batistas. Há visões gerais, com muito preconceito, é claro, de católicos romanos, luteranos, presbiterianos, congregacionais, wesleyanos e outros, mas nenhum explicando os supostos grupos batistas que existiram ao longo da história. Comecei esta pesquisa pensando que eu iria interagir com os vários argumentos que chamam diferentes grupos históricos de “Batista”, mas o fato é que ele não fornece absolutamente nenhum argumento. Ele simplesmente afirma que eles eram batistas, e então segue para sua explicação sobre os católicos romanos, protestantes etc. Ele não oferece comparação entre os vários grupos que ele afirma estar neste “Rasto de Sangue” com a herança batista que é parte de sua tese. Não há discursos sobre os escritos ou doutrinas de tais grupos “batistas” para estabelecer qualquer ligação que não seja simplesmente sua afirmação de que eles estão ligados com os Batistas modernos.

[1] J.M. Carrol, O Rasto de Sangue: Seguindo os cristãos ao longo dos séculos ou, A história das igrejas batistas desde o tempo de Cristo, seu fundador, até os dias atuais (Lexington, KY: American Baptist Pub. Co, 1970), 8.

[2] Carroll, O Rasto de Sangue, 5.



ENXUGANDO O RASTRO DE SANGUE.

Escrito por Eric Ayala, publicado no site [covenantlegacy.com](http://www.covenantlegacy.com) em 10 de dezembro de 2013.

<http://www.covenantlegacy.com/mopping-up-the-trail-of-blood-part-2/>

(Parte 2)

Na semana passada, examinamos os problemas da compreensão anacrônica da história de J.M. Carroll. Porque Carroll afirma que a linhagem batista pode ser rastreada através de vários grupos históricos; portanto, vamos examiná-los neste post, pois é central para sua tese. Carroll realmente faz pouco para estabelecer esses grupos com qualquer ligação factual com os batistas, mas mesmo assim ele os lista em apoio à sua afirmação.

Então, quais grupos compõem este “Rastro de Sangue” de seu título?

“Entre eles estavam Donatistas, Paterinos, Cátaros, Paulicianos e Ana Batistas; e um pouco mais tarde, Petro-Brrussianos, Arnaldistas, Henricianos, Albigenses e Valdenses.”[1]

Vamos dar uma olhada nesses chamados “Batistas”?

Donatistas – Este grupo do século IV surgiu por causa da controvérsia daqueles que renunciaram à sua fé durante a perseguição e depois queriam ser readmitidos na igreja após o fim da perseguição. Eles alegaram que não apenas os retratadores deveriam ser permanentemente banidos da igreja, mas também que, se fossem bispos e realizassem uma ordenança, o sacramento realizado seria inválido. Portanto, se um bispo caísse, todos os batizados por aquele homem tinham um batismo inválido e deveriam ser batizados novamente. Sua ideia de igreja dependia da consistência moral de seus líderes, sem a qual tudo desmoronaria. Esta não era de forma alguma uma forma de entendimento congregacionalista, que Carroll afirma que deveria estar presente em todos os batistas. Nenhum batista que eu conheça defenderia um rebatismo completo de todos os que foram batizados por um homem que mais tarde se envolveu em um escândalo. Longe de uma raiz batista, Brown observa: “Não há nenhuma tradição donatista real percorrendo a história cristã” [2] e que o pelagianismo teve uma influência muito mais duradoura do que eles.

Paterines - Um movimento do século 11, dentro da Igreja Católica, que era contra a simonia, regulamentos de casamento para o clero e o abuso de ricos proprietários de terras. Esta não era uma igreja estabelecida, nem mesmo não estabelecida, mas um movimento principalmente de leigos que já estavam sob os bispos e padres que serviam a Roma. Longe dos batistas, seu nome mais tarde foi associado aos cátaros, um grupo herético dualista.

Cátaros – Este grupo do século 12 não é um com o qual qualquer bom batista gostaria de se associar. Eles tinham crenças semelhantes aos primeiros gnósticos, com a batalha dos poderes dualistas do bem e do mal. Eles também sustentavam que toda a matéria era má e criada pelo deus maligno do Antigo Testamento. Cristo não era um ser humano real, mas um bom espírito enviado pelo bom deus. Jesus não morreu na cruz, mas simplesmente mostrou o caminho para viver como um guru oriental. Shelley comenta: “Para escapar do poder da carne, o verdadeiro cátaro deveria evitar o casamento, relações sexuais, comer carne e posses materiais.” [3] Isso soa como qualquer batista que você já conheceu?

Paulicianos – De meados de seiscentos em diante, esse é um grupo bem “divertido”. Eles também tinham fortes tendências gnósticas e eram uma espécie de ressurgimento do maniqueísmo. Embora rejeitassem o batismo infantil, também rejeitavam a comunhão, a bondade da matéria física, a realidade do corpo de Cristo e a obra redentora de Cristo. “Eles distinguiram entre dois deuses, um bom e outro mau, sendo o último o governante do

mundo material.” [4] Algo no simples padrão gnóstico, mas eles também acrescentaram o adocionismo aos seus erros.

Anabatistas – Não importa que o subtítulo da Primeira Confissão de Fé Batista de Londres de 1644 fosse “Das IGREJAS que são comumente (embora falsamente) chamadas de ANABAPTISTAS”. Carroll vincula absolutamente a história, doutrina, prática e identidade batista a este grupo. Este foi um movimento do século 16 cujos descendentes diretos não eram batistas, mas os amish, huteritas e menonitas. Enquanto rebatizavam aqueles que foram batizados quando crianças, que é o significado de seu nome, eles também rejeitavam o juramento e eram pacifistas. De fato, na opinião deles, “o governo foi ordenado por Deus, mas apenas para os incrédulos”. [5] Portanto, eles consideravam o governo irrelevante para eles e a comunidade secular como não pertencendo aos verdadeiros cristãos. Eles acreditavam em uma ética de amor predominante que os proibia, não apenas de se engajar na guerra, mas também de se defender. Observa-se: “A ética do amor também se expressava nas comunidades anabatistas, na ajuda mútua e na redistribuição da riqueza. Entre os anabatistas da Morávia, isso até levou ao comunismo cristão.” [6] Nesse ponto, todo bom batista deveria estar se tremendo todo. Isso está longe do “governo do povo, pelo povo e para o povo” democrático que Carroll anacronicamente diz ser uma marca de encontrar igrejas batistas na história.

Petro-Brussianos - Estes eram aqueles associados a um homem do século 12 conhecido como Peter de Bruys. À primeira vista, de fontes confiáveis, ele parece atender aos critérios de Carrolls como: “Ele ensinou que o batismo infantil era inválido, que os prédios da igreja eram desnecessários, que a cruz deveria ser ... não venerada, que não havia presença real de Cristo na Comunhão, e que as orações pelos mortos eram inúteis.” [7] No entanto, ele também rejeitou a maioria das escrituras do Novo Testamento. Ele procurou informações nas narrativas do Evangelho, mas considerou todas as epístolas como nada mais do que escritas por homens e também rejeitou o Antigo Testamento.

Arnoldistas - Seguidores de Arnold de Brescia em 1100. Ele pediu a renúncia de toda riqueza mundana, até mesmo pelos próprios papas. Arnaldo era um monge agostiniano, muito diferente da afirmação do sucessorismo de “nunca ter feito parte de Roma”. Arnold acreditava que qualquer clérigo que possuísse propriedades não deveria servir como padres e buscava rebelião e turbulência política para decretar isso. Ele se aliou a governantes políticos para realizar essa mudança, até que finalmente foi enforcado como rebelde político. Conhecemos seu tipo na história como: “Arnold de Brescia é um exemplo de líder carismático que rejeitou a riqueza, mas logo se viu desfrutando do poder político, pelo menos por um curto período de tempo”[8].

Henricianos – movimento do século XII dos seguidores de Henry de Lausanne, este grupo está ligado aos seguidores acima mencionados de Peter de Bruys. Ele era um monge beneditino, mais uma vez desqualificando-o de não ser uma ruptura com Roma e, na verdade, nunca realmente rompeu com Roma. As informações sobre ele são escassas, embora ele pareça ter sido contra o batismo infantil e uma série de outras coisas com as quais os protestantes concordariam com ele. Ele também era, no entanto, contra a disciplina da igreja e qualquer forma de adoração estruturada.

Albigenses – Essas pessoas nada mais eram do que os cátaros gnósticos localizados no sul da França. Então, mais uma vez, a matéria [física] é má, há dois deuses, um deus espiritual bom do Novo Testamento e um deus material mau do Antigo Testamento, Cristo não morreu verdadeiramente e não encarnou de fato, etc. Assim, em 1208, o que era conhecido como as cruzadas albigenses foram travadas para livrar a região da heresia. De fato, houve horrores resultantes dessa guerra, pois “os prisioneiros foram mutilados, cegados, arrastados pelos cascos dos cavalos e usados para tiro ao alvo”[9]. Embora tais práticas não possam ser aceitas, isso de maneira alguma justifica

a heterodoxia dos albigenses. Embora eles possam realmente fazer parte de um “rastros de sangue”, é um rastros gnóstico de sangue e não batista.

Valdenses - Estes foram os seguidores do século 12 de Peter Waldo. Embora muitas coisas louváveis possam ser ditas sobre eles, pois eles sustentavam muitos dos ideais da Reforma Protestante, não há como conectá-los aos batistas pela definição de Carroll. Por um lado, sua estrutura não era de congregações autônomas, mas uma cujo processo de decisão final vinha através de sínodos. De fato, o próprio movimento em 1532 adotou os princípios da igreja reformada como consistentes com sua crença. Eles realmente se mantiveram firmes e construíram uma vida para si mesmos contra uma oposição maciça. Por exemplo, diz-se que, para defender sua pátria nos Alpes, “em uma ocasião, seis homens com armas de fogo detiveram um exército inteiro em uma passagem estreita, enquanto outros escalavam as montanhas acima”[10]. Os Menonitas, os adventistas e outros grupos tentaram reivindicá-los como parte de sua herança. O fato, entretanto, é que eles estão mais de acordo com Zuínglio e Calvino do que as marcas apresentadas por Carroll.

Assim, vemos nesses grupos, gnósticos que rejeitaram a matéria, a morte de Cristo e o Deus do Antigo Testamento; e que abraçou o dualismo e o ascetismo. Vemos grupos que usaram a influência dentro do catolicismo para trazer ambições políticas, e outros que fundaram sociedades isoladas de comunismo pacifista. Depois, há aqueles que pensaram que a moralidade do ministro transfundiu na ordenança e que a falha de tal ministro invalidaria seu batismo. Carroll parece ter ligado todos os principais grupos heréticos da Europa pós-antiga em seu “rastros” de batistas. Se esta é realmente a herança dos batistas, então deixe-me ser o primeiro a repudiar para sempre o nome de batista e apenas falar dele com uma cusparada de desgosto. Felizmente, porém, esta não é de forma alguma a verdadeira herança dos batistas.

Na próxima semana, concluiremos esta série observando a total falta de argumentação ou referência histórica de Carroll para provar a tese do “Rastros de Sangue”.

[1] Carroll, Trilha de Sangue, 9.

[2] Harold O.J. Brown, Heresias: Heresia e Ortodoxia na História da Igreja (Grand Rapids: Hendrickson, 2003) 198-200.

[3] Bruce L. Shelley, História da Igreja em linguagem simples (Dallas: Word Publishing, 1995) 210.

[4] George Thomas Kurian, ed., Nelson's Dictionary of Christianity (Nashville, Thomas Nelson, 2005) 537.

[5] Paul R. Spickard e Kevin M. Dragg, Uma História Global dos Cristãos (Grand Rapids: Baker Academic, 2005) 183.

[6] Tim Dowley, ed. Introdução à História do Cristianismo (Minneapolis: Fortress Press, 2002) 403.

[7] Kurian, ed., Dicionário de Cristianismo de Nelson, 545.

[8] Brown, Heresias, 262.

[9] Paul Johnson, Uma História do Cristianismo (Nova York: Touchstone, 2005) 252.

[10] Justo L. Gonzalez, A História do Cristianismo Vol. 2 (Nova York: HarperOne, 2010) 155.[3] Bruce L. Shelley, História da Igreja em linguagem simples (Dallas: Word Publishing, 1995) 210.

[4] George Thomas Kurian, ed., Nelson's Dictionary of Christianity (Nashville, Thomas Nelson, 2005) 537.

[5] Paul R. Spickard e Kevin M. Dragg, Uma História Global dos Cristãos (Grand Rapids: Baker Academic, 2005) 183.

[6] Tim Dowley, ed. EU

ENXUGANDO O RASTRO DE SANGUE.

Escrito por Eric Ayala, publicado no site [covenantlegacy.com](http://www.covenantlegacy.com) em 16 de dezembro de 2013.

<http://www.covenantlegacy.com/mopping-up-the-trail-of-blood-part-3/>

(Parte 3)

Nas últimas duas semanas, examinamos “O Rasto de Sangue” de J.M. Carroll.

Da última vez, examinamos as crenças dos vários grupos que J.M. Carroll coloca em seu livro. Principalmente, se trata simplesmente uma coleção de hereges. Parece que o único critério real de Carroll para saber se alguém era batista ou não é que a igreja em geral não os aceitava. Eu sei que alguns que podem ser adeptos do livro podem alegar que as crenças heréticas mencionadas desses grupos eram mera calúnia contra eles por parte dos papistas. O problema, entretanto, é que Carroll não oferece nenhuma defesa ou explicação sobre eles; ele nunca interage com esses grupos ou suas crenças. Carroll apenas menciona o nome deles e depois segue em frente sem sequer vincular qualquer uma de suas próprias marcas ou distinções da prática batista a eles. Carroll não apenas não desculpa esses grupos, como nem mesmo reconhece que há um problema com eles, difamatório ou não. Eles são meros nomes em uma lista. Há muitos outros pontos sobre os quais poderíamos falar, mas no final, sua tese é refutada.

Então, por que deveríamos nos importar?

Não é verdade – os cristãos devem ser pessoas da verdade. O próprio Cristo é a verdade e quando propagamos algo que não é verdade, mesmo que seja inconveniente ou sintamos que prejudica a nossa “causa”, então estamos indo contra Cristo. Em vez de reforçar nossa posição, informações falsas degradam nosso caráter, nossa visão da eficácia da própria verdade e prejudicam nosso testemunho para o mundo. Se os cristãos propagam mentiras, então o mundo não tem motivos para ouvir quando declaramos a eles o Caminho, a Verdade e a Vida que se encontram em Cristo. Estranhamente, ao invés de ser um perigo para nós, os cristãos não têm nada a temer quanto ao que é realmente verdade.

É academicamente ruim - Este livreto não é história, é propaganda para solidificar as pessoas em suas posições que elas não querem desafiar. É muito mais fácil simplesmente dizer “sempre foi assim” do que reexaminar crenças, raízes históricas e coisas que podem nos deixar desconfortáveis. Não precisamos atender à academia para sermos amigos deles, mas devemos ter altos padrões acadêmicos se quisermos fazer História para a glória de Deus. Somos ótimos em encontrar buracos nos argumentos desleixados feitos pelos oponentes do cristianismo, mas não podemos ter um padrão mais baixo para nós mesmos do que o que os sustentamos. A erudição desleixada de um cristão não está vivendo de acordo com 1 Coríntios 10.31, *“Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus.”*

Isso nos rouba nossa verdadeira herança batista – “O Rasto de Sangue” tira de nós a incrível história das verdadeiras raízes batistas. Daqueles que foram perseguidos na Inglaterra e continuaram a Reforma além do que muitos ousaram fazer. Tomaram os princípios dos reformadores, dos puritanos e da igreja primitiva antes deles para fundamentar suas crenças nas Escrituras. Eles não apenas formaram sua doutrina e prática a partir da Bíblia, mas seguiram sua convicção que custou caro a muitos deles. A mensagem deste livro nos rouba a intrincada teia de interação entre os vários grupos religiosos em ação na Inglaterra pós-reforma e as do continente. Isso achata a tapeçaria que levou à nossa formação e identidade batista.

Isso nos rouba nossa maior herança cristã – o trabalho de Carroll faz uma dicotomia aguda: de um lado, Roma e aqueles que são meros rompimentos dela e, do outro, os verdadeiros cristãos, os batistas. O fato é, no entanto, que a história é muito mais complicada do que isso. Em vez de considerar a igreja primitiva, os cristãos medievais

e os líderes da reforma como aqueles que devemos olhar com desconfiança; devemos entender o contexto em que eles estavam e ver o resultado do cristianismo em suas vidas. De modo algum todos os que afirmavam ser cristãos eram verdadeiros cristãos. No entanto, quando vemos a história de uma maneira tão linear e em preto e branco de bandidos contra os mocinhos que se parecem conosco, perdemos muito de nossa herança e valiosas lições do passado.

Isso nos impede de ter comunhão cristã – Isso não apenas coloca um obstáculo entre a comunhão com outros cristãos que creem e pregam o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo, mas também nos distrai de quais são nossas verdadeiras diferenças. Em vez de trazer clareza, “O Rasto de Sangue” simplesmente turva a água do que são nossos verdadeiros problemas com os cristãos de outras denominações. Não estou defendendo o comprometimento, um ecumenismo pecaminoso ou qualquer outra coisa, mas ver as questões cristãs interdenominacionais como simplesmente “nós contra eles” não ajudará em nada. Aprendi muito com presbiterianos, anglicanos, luteranos etc, embora acredite que eles estão errados em algumas questões muito importantes. Devemos ter cuidado para não causar divisão indevida sobre supostas reivindicações históricas, tanto porque não é amoroso fazê-lo, mas também porque nos fornece menos clareza de quais são nossas verdadeiras diferenças.

Isso nos distrai do que devemos focar – “O Rasto de Sangue” é basicamente apenas o estilo batista de “Sucessão Apostólica”. Muitos zombam dos obstáculos históricos pelos quais a Igreja Católica Romana deve passar para reivindicar uma linha ininterrupta de papas, mas o livro de Carroll está na mesma tentativa. Procurar a única denominação verdadeira nos distrai de como alguém realmente se entra na única igreja verdadeira. Esta igreja é o povo comprado pelo sangue de Cristo, aqueles de toda tribo, língua e idioma. Todos aqueles que se arrependem de seus pecados e confiam em Cristo como Senhor e Salvador por causa da Sua vida sem pecado, de Sua morte, de Seu sepultamento e de Sua ressurreição fazem parte dessa igreja. Quando nos orgulhamos de algo que é nada mais do que uma linhagem histórica falha, apontamos as pessoas para nós mesmos, e para longe do Evangelho, a maneira pela qual as pessoas entram na igreja de Cristo.

Neste ponto você pode estar se perguntando, então qual é a verdadeira história dos batistas? Por favor, siga os links abaixo para entrevistas e listas de recursos adicionais sobre a História Batista.

Fórum Reformado: Credo-Batismo Durante a Reforma.

<https://reformedforum.org/podcasts/ctc96/>

O Batista Confessante: História Batista Particular

<http://ww25.confessingbaptist.com/podcast007/?subid1=20230611-0509-5758-abf1-bdf90c03db77>

Sobre o autor: O Dr. Eric Ayala é pastor, capelão da área de saúde e professor adjunto do seminário. Ele é um nativo da Flórida, um veterano do Exército dos EUA e o primeiro em sua família a ir para a faculdade. Ele obteve um diploma de bacharel do Moody Bible Institute, um mestrado do Midwestern Baptist Theological Seminary e um doutorado da Anderson University. Ele possui várias certificações profissionais relacionadas a cuidados espirituais, cuidados paliativos e suporte de fim de vida. Ele também atuou no ministério de recuperação de sem-tetos, aconselhamento espiritual, apoio a crises traumáticas e em comitês de ética para organizações de saúde. Ele é casado e tem cinco filhos. Ele gosta de música, conversa envolvente e boa comida; de preferência todos ao mesmo tempo.